

Conhecer os desejos da terra e fecundar o chão

Projeto premiado, desenvolvido pelos Departamentos de Zootecnia e de Agronomia, tem contribuído para a melhoria da atividade e da qualidade de vida de pequenos agricultores de um assentamento no norte do estado. São 60 famílias que produzem frutas, verduras, e criam animais. Um dos objetivos é mudar o modelo de produção de hortaliças para o orgânico para que possa ser oferecida na merenda escolar, exigência que entra em vigor dentro de alguns anos no Paraná.

Pág. 5



Pandemia impacta qualidade do leite



Laboratório de Inspeção de Produtos de Origem Animal da UEL (LIPOA) detectou perda na qualidade do leite consumido na região norte do Paraná no período 2015-2020, já sofrendo os efeitos da covid-19. Há vários fatores, mas não motivos de preocupação para o consumidor.

Pág. 2

Pesquisadores analisam impactos da pandemia na produção de leite

Laboratório de Inspeção de Produtos de Origem Animal da UEL (LIPOA) constatou maior índice de desconformidade nas amostras de leite

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Ainda são poucos os estudos dos efeitos da pandemia na sociedade, mesmo no setor econômico. O Laboratório de Inspeção de Produtos de Origem Animal da UEL (LIPOA), porém, já detectou alguns na qualidade do leite consumido na região norte do Paraná. Nada que possa preocupar o consumidor, mas qualquer alteração é registrada e informada à Vigilância Sanitária, que rotineiramente solicita as análises.

A Vigilância percorre os estabelecimentos comerciais, coleta amostras e as encaminha ao LIPOA, que realiza uma análise microbiológica e físico-química do leite, produzido em cerca de 20 laticínios de 13 municípios da região. A análise microbiológica verifica a quantidade de bactérias presentes no produto. A físico-química foca níveis de gordura, presença de enzima (pós-pasteurização) e de água, através da técnica de crioscopia (congelamento).

Segundo o professor Rafael Fagnani (Departamento de Medicina Veterinária Preventiva), chefe do laboratório, além da queda na demanda e altas nos preços de produtos lácteos, sempre notadas pelo consumidor, as indústrias lácteas também enfrentaram dificuldades internas, principalmente para atender aos parâmetros de qualidade exigidos na produção de leite pasteurizado. Vale notar que o estudo do LIPOA se refere ao período 2015-2020, ou seja, abrange o início da pandemia, e não seu auge.

“Para termos uma ideia mais clara, no primeiro ano da pandemia a taxa de não conformidades para a crioscopia foi 50 vezes maior quando comparada à média dos 5 anos anteriores”, relata o professor. A maior quantidade de água tanto pode ser deliberada quanto resultado de um problema no enxágue (limpeza) do equipamento de produção. Uma possível explicação está na redução de



A Vigilância Sanitária percorre os estabelecimentos comerciais, coleta amostras e as encaminha ao LIPOA, que realiza uma análise microbiológica e físico-química do leite, produzido em cerca de 20 laticínios de 13 municípios da região

funcionários no período de quarentena, somada ao acesso irregular aos insumos de processamento, como ração animal, combustível, máquinas de ordenha e vacinas, entre outros. A própria fiscalização sofreu os efeitos das medidas sanitárias e, assim, até o LIPOA percebeu um impacto. Num ano típico, ele recebia aproximadamente 900 amostras para análise. Em 2020, chegaram menos de 300. Apesar de estar subindo, os números ainda não alcançaram o patamar pré-pandêmico.

De acordo com a análise do Laboratório, a principal dificuldade dos laticínios do norte paranaense está na adequação quanto à quantidade de bactérias no leite pasteurizado. O estudo revelou que cerca de 8% das amostras recebidas entre 2015 e 2020 não atenderam esse parâmetro, mostrando contaminações após o processo de pasteurização. “Essas falhas

estão relacionadas principalmente à limpeza industrial”, afirma o professor Rafael.

PARCERIA

O LIPOA existe há mais de 30 anos. Monitora a qualidade do leite e periodicamente os dados são analisados pela equipe técnica e submetidos à publicação em revistas científicas. Nessa última compilação, foram analisadas quase 1800 amostras (2015 e 2020). Os dados já foram aceitos em um importante periódico internacional, o *Journal of Dairy Research*. O objetivo é alertar órgãos fiscalizadores e profissionais do setor, expondo os problemas mais recorrentes.

O LIPOA trabalha em ações de extensão para mitigar essa problemática e auxiliar laticínios na garantia da qualidade, fornecendo cursos e serviços de assessoria e consultoria. Atualmente recebe apoio do Instituto Na-



Professor Rafael Fagnani, sobre a quantidade de bactérias: “Cerca de 8% das amostras recebidas entre 2015 e 2020 não atenderam esse parâmetro, mostrando contaminações após o processo de pasteurização”.

cional de Ciência, Tecnologia e Inovação – Leite, coordenado pelo professor Amauri Alcindo Alfieri (UEL). A equipe é composta por dois professores, um técnico de nível superior, 8 residentes e vários alunos de Mestrado e Doutorado (Ciência Animal), e Iniciação Científica.

Expediente



Reitora: **Marta Regina Gimenez Favaro**
Vice-Reitor: **Airton Petris**



UEL - Campus Universitário - C.P. 6001
CEP 86051-990 - Londrina, PR
Contato: (43)3371-4361 e (43)3371-4115
noticia@uel.br

Coordenador: **Beatriz Silvério Botelho**
Editor: **José de Arimathéia**
Redação: **Pedro Livoratti, Vítor Struck e Willian C. Fusaro**
Diagramação/Editoração: **Moacir Ferri**
Impressão: **Folha de Londrina**

Lição de reciclagem e de cidadania

Projeto premiado reaproveita embalagens cirúrgicas para fabricação de produtos com sustentabilidade e ainda promove a ressocialização de apenados

VITOR STRUCK

Implementar uma estratégia para dar um destino ambientalmente seguro a resíduos hospitalares também é uma medida que depende de uma característica humana fundamental na rotina de uma instituição pública que presta o atendimento de alta complexidade: a sensibilidade dos profissionais envolvidos com o objetivo da mudança de comportamento exigida. No caso do Hospital Universitário de Londrina, um projeto vem resultando na produção de bolsas para pacientes do Centro Cirúrgico por pessoas privadas de liberdade. Ao promover a ação de sustentabilidade, o projeto “Muda” foi premiado como “Melhor Prática Assistencial” no Congresso Brasileiro de Enfermagem, ano passado, e vem chamando a atenção até de gestores de outros hospitais de Londrina.

“Outras instituições já procuraram para replicar o projeto e o nosso desejo é que ele entre em uma terceira etapa. Então, queremos fazer com que se torne autossustentável”, conta a docente do Departamento de Enfermagem da UEL, Danielly Negrão Guassu Nogueira, coordenadora do projeto de extensão.

Embora a ideia tenha nascido no primeiro ano da pandemia da Covid-19, seu interesse pelos temas que envolvem resíduos hospitalares é muito mais antigo, quando cursou o Mestrado na Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Minas Gerais, há mais de 15 anos.

Ela conta que as mantas hospitalares utilizadas na acomodação dos instrumentos cirúrgicos são do tipo SMS (Spunbond/Meltblown/Spunbond), introduzidas no mercado há cerca de 20

anos. À época, aspectos como o seu impacto ambiental possuíam menor apelo público e acabaram não sendo considerados, já que o material é de uso único e demora muitos anos para se decompor.

As mantas de SMS são produzidas a partir do Polipropileno (PP) e possuem três camadas, impedindo a contaminação dos materiais. Por conta destas características, “é muito difícil de desfibrar, é um processo difícil de reciclagem, muito caro, pois precisaria retornar ao estado sólido, de um polímero industrial. Então, não é considerado um material plástico, tecido ou papel, e não atraiu o interesse da indústria. Em todos os hospitais esse material vai parar no lixo hospitalar como se estivesse contaminado, mas não está contaminado”, explica a docente.

Ela também informa que este material acaba colaborando para a degradação do meio ambiente, uma vez que é capaz de produzir um “vácuo” quando colocado em contato com outros produtos químicos, seja em containers de lixo ou nos aterros sanitários. Com isso, colabora para aumentar o volume do lixo e, conseqüentemente, os custos com transporte.

Para se ter uma ideia, cada cirurgia demanda uma média de 18 mantas, que possuem de dois a três metros quadrados de área cada. Realizando uma média de mil cirurgias por mês, somente o HU de Londrina destinava entre 18 e 20 mil mantas ao aterro sanitário, no distrito de Maravilha.

MUDA

Para desenvolver o produto, a professora Danielly Negrão contou com a orientação de docentes e alunos que in-

tegram o Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Resíduos (NINTER). Reunindo a expertise das áreas de Design de Moda, Administração e Enfermagem, o grupo teve a ideia de desenvolver as chamadas ecobags para a acomodação dos pertences dos pacientes internados no centro cirúrgico do HU. Participaram deste projeto as bolsistas Fernanda Oliveira Massi e Julia Pinheiro, que atuaram sob a coordenação da professora Suzana Barreto Martins, do Departamento de Design de Moda.

“Em seguida, fizemos um treinamento prático com 95 funcionários da Enfermagem e criamos oito etapas de separação, no que chamamos de ‘captura segura’. Basicamente, é não misturar com lixo hospitalar e colocar o que está limpo em um caixa plástica. Em outro momento, estas mantas são levadas para um container”, explica a docente Danielly Negrão.

Ao menos uma vez por semana, as mantas passam por um processo de separação e controle de qualidade, feito pelos alunos bolsistas do projeto de extensão. Em seguida, todo o material é levado pela docente a uma empresa voluntária - a Gntex - que fica responsável pelo corte. A etapa final deste processo de destinação também é uma responsabilidade da docente, que leva o material à Penitenciária Estadual de Londrina (PEL II).

A ideia de agregar a mão de obra de apenados do sistema prisional surgiu na esteira do trabalho que já vinha sendo realizado de produção de máscaras e outros equipamentos de proteção, em falta no mercado por conta da alta demanda provocada pela Covid-19.

Inicialmente, lembra, eram oito internos participantes da Oficina de Costura da PEL II atuando neste e em outros projetos de ressocialização. O número cresceu para 32, e a diretoria da unidade, a maior do interior do Paraná, colabora com o envio das ecobags confeccionadas de volta ao Hospital Universitário.

MIMO

Atualmente, a capacidade de produção chega a 4.000 ecobags por mês, que pode ser dobrada a partir do crescimento no volume de mantas captadas pelo projeto. “Hoje, só os casos cirúrgicos recebem pois devemos seguir uma lógica de ter o retorno para quem gerou o resíduo. Quem gerou? O centro cirúrgico. Então, o retorno precisa ser para eles. A segunda fase é ampliar para todos os pacientes e sentimos muito orgulho porque já está dentro das metas



institucionais do hospital como uma medida com foco na sustentabilidade”, alega-se, lembrando, também, da gratidão de alguns pacientes ao receberem o presente.

“Alguns pacientes são muito humildes e dizem que preferem guardar a bolsa para dar de presente. Quando é assim, autorizamos nossos enfermeiros a darem duas, três de presente porque ficamos também muito emocionados. Fica como um mimo.

PRÊMIO

Um dos principais resultados do projeto foi atestado pela diretoria do HU, responsável pela análise de inúmeros contratos, dentre eles o firmado com a empresa responsável pela coleta de lixo. “O hospital gasta entre R\$ 15 e R\$ 19 por quilo de lixo enviado ao aterro. E uma coisa que percebemos foi a fala dos funcionários da limpeza. Eles comentam que o volume de sacos de lixo que precisam amarrar por dia diminuiu”, comemora Danielly Negrão.

O Projeto de Extensão “Muda: reaproveitamento de embalagens cirúrgicas para fabricação de produtos manufaturados com sustentabilidade e ressocialização para apenados” recebeu o prêmio de “Melhor Prática Assistencial” na categoria “Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização no Congresso Brasileiro de Enfermagem.

Entretanto, o maior prêmio, avalia a professora, que é ex-aluna de graduação da UEL, vem sendo perceber os benefícios ao meio ambiente, além do envolvimento da equipe e o retorno em forma de afeto por parte dos pacientes.



O Centro Cirúrgico realiza uma média de mil cirurgias por mês. Só o HU/UEL destinava entre 18 e 20 mil mantas ao aterro sanitário, que em parte se transformam em sacolas

Animais, humanos e meio ambiente em harmonia

Empresa Jr. atua na capacitação técnica e na qualificação pessoal dos estudantes, com consultorias e ações de humanização



ISABELA ABRÃO*

A relação entre pessoas e animais, seja na convivência diária, na agricultura ou na alimentação, tem se tornado cada vez mais estreita. Com o aumento da proximidade, a saúde humana, animal e ambiental passaram a estar intimamente ligadas e se tornaram interdependentes. O relacionamento entre essas três esferas é, no geral, bem positivo. No entanto, para que essa aproximação não ocasione desequilíbrios na sociedade e na Natureza, é preciso ter certos cuidados na hora de interagir com os animais, de estimação ou não.

Orientar sobre as precauções necessárias para uma boa relação entre homem e animal é apenas um dos objetivos da VETJR, Empresa Júnior de consultoria veterinária que presta serviços para a comunidade de Londrina e região.

Fundada em 2004, a empresa está vinculada, desde 2019, ao projeto “VETJR UEL: a extensão formando especialistas por meio da formação generalista”, coordenado pelo professor Fábio Morotti, do Departamento de Clínicas Veterinárias. A VETJR atua oferecendo assistência técnica, prestando serviços e desenvolvendo projetos para instituições públicas e privadas, entidades e sociedade em geral.

Mediante a tutoria de um docente, os estudantes do curso de Medicina

Veterinária que participam da empresa júnior realizam visitas diagnósticas, implementação de sistemas de criação, manejo sanitário, nutricional e reprodutivo, entre diversas outras ações. Todas as atividades promovidas servem para que os alunos possam desenvolver competências que serão exigidas na vida profissional. “Desde a implementação do projeto de extensão, ao qual a VETJR está vinculada, nós já executamos mais de 30 subprojetos, como serviços de consultoria”, revela Morotti. “Hoje a maior demanda que nós temos é com relação à atividade voltada para grandes animais e assistência às propriedades rurais”, acrescenta.

Além da experiência com os serviços ofertados, a empresa júnior também procura fortalecer o caráter cultural, educacional e social dos estudantes, visando o melhor atendimento ao público e, conseqüentemente, uma formação mais adequada. A equipe promove, por exemplo, algumas ações em casas de apoio a idosos, escolas municipais e creches. “Nosso foco é a qualificação do aluno no âmbito prático, mas entendemos que essa parte social também é importante. Tentamos mostrar um pouco da nossa rotina, das nossas atividades”, afirma o professor.

Durante as visitas, a intenção da empresa é levar informações básicas sobre o cuidado com os animais e sobre a Saúde Única. Também chamada de One Health, trata-se de uma abordagem, reconhecida pela Organização

Mundial da Saúde (OMS), que busca entender melhor sobre doenças infecciosas transmitidas entre animais e seres humanos. Conhecidas como zoonoses, essas doenças podem representar um grande risco para a saúde pública devido à interação cada vez mais próxima das pessoas com os animais.

MELHOR AMIGO DO HOMEM

Segundo explica Morotti, grande parte desses problemas é causada pela humanização excessiva dos animais domésticos, que, muitas vezes, são vistos como membros da família e não como animais de fato. Porém, como indica o docente, tratar um animal como animal não quer dizer deixar de lado os cuidados, a proteção e o carinho que eles merecem. Ter um bichinho de estimação pode, inclusive, ser muito benéfico para a saúde, como comprovam inúmeras pesquisas. De acordo com Morotti, cuja formação acadêmica é voltada para grandes animais, o contato com os animais é necessário em termos afetivos, psicológicos e, pensando de forma mais ampla, econômicos e nutricionais.

Para o professor, é possível aproveitar todas essas vantagens se houver uma interação segura e respeitosa entre as duas partes. “O contato do homem com o animal é importante no sentido de criar afeto e trazer soluções para problemas relacionados à depressão e crises de ansiedade. Isso também cabe na área de grandes animais, existe uma sintonia entre o ho-

mem e o animal na fazenda”, afirma o docente. “É preciso cuidar do animal da forma como ele tem que ser cuidado, mas sem humanizá-los e sem exageros”, completa.

A ida regular ao veterinário e a preocupação com os hábitos de higiene, tanto pessoal quanto do animal e do ambiente, são essenciais para evitar a transmissão e a contaminação por doenças. Recomenda-se também ter cautela ao preparar alimentos e atenção à qualidade da água a ser consumida. Para orientar sobre os cuidados necessários com pequenos animais, a VETJR oferece, por exemplo, consultoria em canil ou gatil e treinamentos para tutores de pets. Já com relação aos grandes, a empresa visita propriedades rurais e realiza, entre outras ações, o treinamento da equipe da fazenda e a gestão de índice zootécnico.

EXPOLONDRINA

Além de disponibilizar serviços diversos, a VETJR também costuma participar de feiras agropecuárias, como a ExpoLondrina, por exemplo. Neste ano, a empresa estará novamente presente no evento, 61ª Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina e 29ª Internacional. O objetivo é apresentar os serviços ofertados pelos alunos e dialogar com o público, promovendo atividades interativas para os visitantes. O estande da empresa ficará localizado na Via Rural, durante toda a ExpoLondrina 2023, que ocorre entre os dias 6 e 16 de abril.

*Estagiária de Jornalismo na COM



A VETJR oferece assistência técnica, serviços e desenvolve projetos para instituições, entidades e sociedade em geral

Projeto beneficia Assentamento na produção de polpa de frutas

Premiada, a iniciativa investe na atividade produtora e na prática dos alunos, e colhe aumento na qualidade de vida da comunidade envolvida

PEDRO LIVORATTI

Projeto de Extensão desenvolvido pelos Departamentos de Zootecnia e de Agronomia tem contribuído para a melhoria da atividade e da qualidade de vida dos pequenos agricultores do Assentamento Iraci Salete, localizado em Alvorada do Sul, no norte do Paraná. Ao todo são 60 famílias de produtores rurais, divididos em 12 hectares de área onde são produzidas frutas, verduras, além da criação de animais.

As primeiras intervenções de pesquisadores e extensionistas da UEL foram realizadas em 2007, quando os agricultores iniciaram a produção de ervas para chá. Nos últimos anos, o projeto ganhou amplitude a partir da organização da produção de polpa de frutas, fornecendo os primeiros contornos para a estruturação de uma agroindústria para o processamento de maracujá, manga, pitanga e acerola.

Segundo a professora Ana Maria Bridi, do Departamento de Zootecnia, coordenadora do projeto de extensão “Organização da Produção Coletiva de Polpa de Frutas em Assentamento Rural”, os agricultores contam atualmente com uma cozinha industrial em fase de implantação para a produção das polpas. O local também deverá servir futuramente para a produção de mandioca embalada, pronta para o consumo, além de verduras higienizadas.

Outra proposta é mudar o modelo de produção de hortaliças para o orgânico. O objetivo é adequar a produção para a merenda escolar, uma vez que a partir de 2030 todo alimento servido nas escolas públicas do Paraná deverá ser orgânico. Para que os assentados possam se integrar a este projeto, é necessário iniciar os esforços a partir de agora. Produtores que não migrarem para o modelo orgânico estarão fora do programa da merenda escolar.

Segundo a coordenadora do projeto, a ideia de fabricar polpa de frutas considera a boa produção do assentamento e consequente dificuldade na comercialização. Os agricultores têm grande oferta durante a safra, quando o preço da fruta consequentemente é menor. Dessa forma a fabricação de polpas é recomendada para aproveitar e estocar o excesso de frutas, uma atividade agroindustrial rentável, de



“Prática extensionista está ligada ao compromisso social da Universidade, que precisa se preocupar com o entorno e interagir com a sociedade oferecendo soluções”, observa a professora Ana Maria Bridi

rápido retorno e investimento relativamente pequeno.

A cozinha industrial conta com equipamentos como despoldadeira, câmara de maturação e armazenamento de frutas, tanques de inox, descascadora de mandioca e outros adquiridos nos últimos anos, a partir de investimentos obtidos por meio de esforços dos extensionistas.

Em 2015 a UEL foi contemplada com o Prêmio Santander Universidades, concorrendo com mais de 23 mil iniciativas desenvolvidas em Instituições de Ensino Superior do país. Na época o projeto se chamava Assistência Técnica em Produção e Sanidade Avícola em Assentamento Rural visando a Produção Sustentável. Os recursos do prêmio foram integralmente investidos em equipamentos e infraestrutura, garantindo a melhoria das condições de trabalho dos agricultores.

APRIMORAMENTO

Além de aprimorar a produção agrícola dos assentados, o projeto de extensão cria oportunidade para que estudantes e professores coloquem em prática os conhecimentos da academia e proporciona novas experiências e aprendizado. Ana Maria explica que os estudantes que participam do Grupo PET de Zootecnia também colaboram para melhorar o nível de informação dos assentados do Iraci Salete. Ela detalha que a Zootecnia tem muita proximidade com a produção vegetal, uma vez que o currículo do curso inclui disciplinas como Climatologia, análise e conservação de solos e controle de ervas daninhas, por exemplo. Todas essas informações são importantes para melhorar o trabalho dos pequenos agricultores.

Ela explica que com a exigência da curricularização da extensão, em fase

de implantação nos cursos da UEL, todos os estudantes de graduação deverão participar de projetos, dividir experiências e colocar em prática o aprendizado da academia. No caso dos estudantes de Zootecnia, a exigência será de 400 horas de participação em projetos de extensão.

A professora observa que a prática extensionista está ligada ao compromisso social da Universidade, que precisa se preocupar com o entorno e interagir com a sociedade oferecendo soluções. “É diferente de assistência técnica, é preciso entender que essa comunidade também vai ensinar”, afirma. Ela acrescenta que os estudantes têm de compreender as questões sociais e econômicas e saber escutar as necessidades da sociedade. No caso do projeto que atende o assentamento Iraci Salete, além do curso de Zootecnia, também estão envolvidos professores e estudantes do curso de Economia, Farmácia, Agronomia, e Departamento de Ciência e Tecnologia de Alimentos.

A UEL também oferece alternativa e infraestrutura para os assentados comercializarem sua produção. Duas vezes por mês os agricultores participam da Feira da Cidadania realizada pela Pró-reitoria de Extensão (PRO-EX) da UEL no Campus Universitário. O objetivo é proporcionar locais para escoamento da produção e aproximar a comunidade universitária de produtores e demais empreendedores sociais que participam da feira. Um complemento para as ações realizadas no Iraci Salete, visando a melhoria da qualidade de vida das famílias.



“Os estudantes têm de compreender as questões sociais e econômicas e saber escutar as necessidades da sociedade”, diz a professora Bridi

Redes sociais como aliadas da Educação

Projeto de extensão do curso de Farmácia utiliza o Instagram para transmitir informações aos estudantes e à comunidade

MEIRE SEBASTIÃO*

As redes sociais têm crescido significativamente nos últimos anos e vêm ganhando destaque como um importante meio de comunicação, abrindo espaço para que setores de diversos segmentos interajam com seu público-alvo de forma moderna e eficaz. Para acompanhar esses avanços tecnológicos, o Colegiado do Curso de Farmácia desenvolveu um Instagram (@colfarmauel) para atender às necessidades dos graduandos e da comunidade.

Fruto do projeto de extensão “Instagram: utilização desta ferramenta para divulgação de informações relevantes à área farmacêutica”, a rede social é utilizada para repassar informações sobre o curso e a área de Farmácia, além de transmitir conhecimento científico para a comunidade interna e externa da UEL. Coordenado pela professora Danielle Venturini, do Departamento de Patologia, Análises Clínicas e Toxicológicas (PAC), o projeto tem como objetivo levar os aprendizados do curso para além da sala de aula, num retorno para a sociedade.

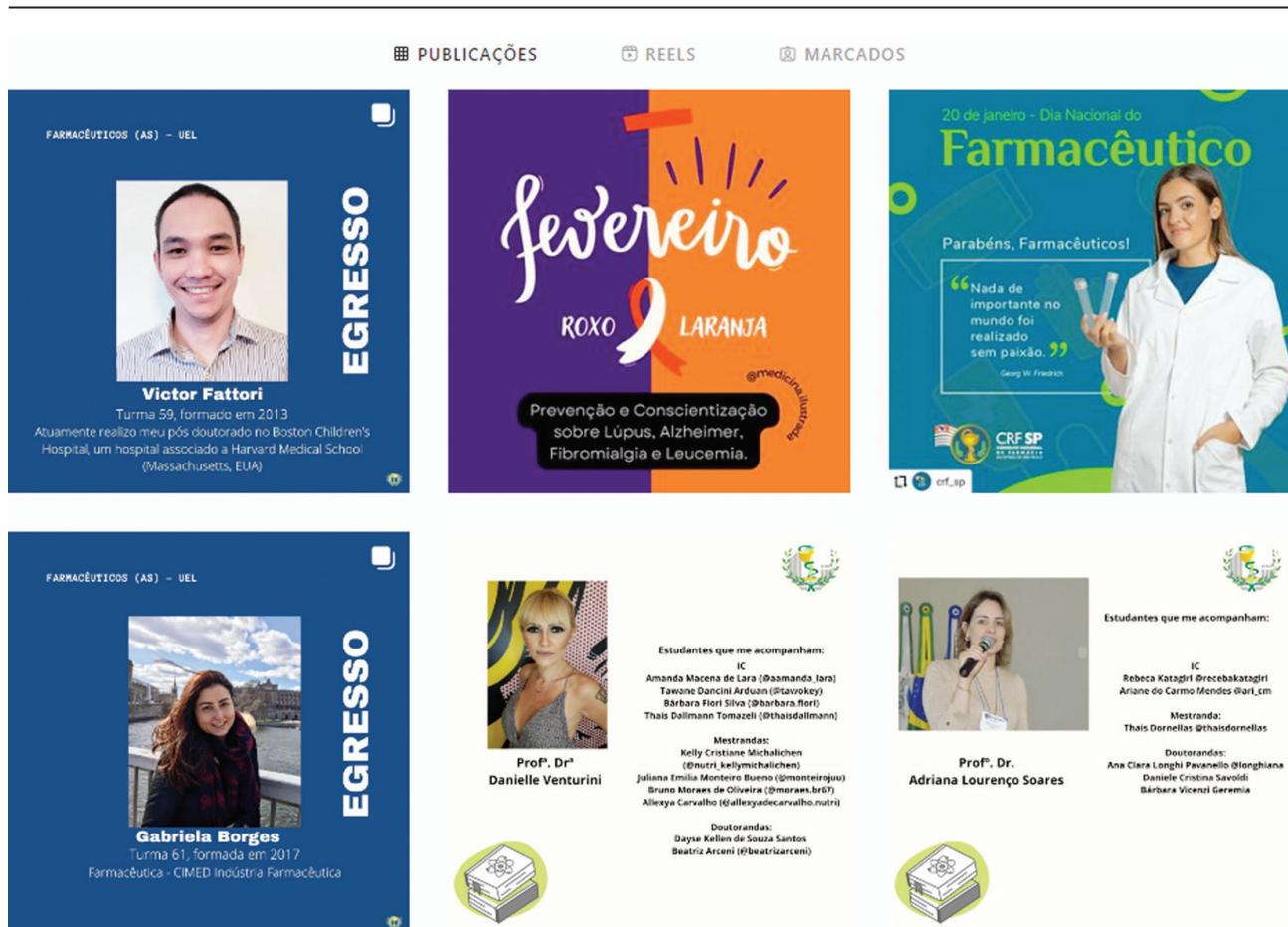
O Instagram do Colegiado de Farmácia já existia há alguns anos, mas a ideia de utilizar a plataforma para montar um projeto de extensão ocorreu em 2020, em meio à fase mais intensa da pandemia da Covid-19 daquele ano. “Esse projeto veio de encontro com a pandemia, porque naquela época houve a interrupção das atividades presenciais e nós não gostaríamos que nossos alunos ficassem parados, então nós buscamos uma forma de continuar movimentando esses estudantes dentro da área deles do curso”, explica Danielle. Por não demandar contato físico entre os participantes, o projeto ajudou a amenizar prejuízos pedagógicos decorrentes do período sem aula.

Por se configurar como extensão, a coordenadora destaca que o projeto também ajuda a suprir a necessidade de atividades extensionistas, que se tornaram parte da matriz curricular do curso. Atualmente, seis graduandos do curso de Farmácia fazem parte do projeto, no desenvolvimento de ideias e na execução das postagens. Há, ainda, um grupo de professores colaboradores que auxiliam na revisão do material e checagem de informações.

POSTAGENS

Utilizando variados recursos disponíveis na rede social, como feed, story e reels, o Instagram do projeto reúne mais de 100 publicações com conteúdos diversos, buscando atingir todos os públicos, principalmente estudantes e pessoas interessadas pelo curso. Além da divulgação de eventos da área farmacêutica e vagas de emprego e estágio, existem dois quadros fixos de entrevistas, que compõem a maior parte das postagens: “Campanha dos Pesquisadores” e “Fala Egresso”.

Proposto pelos próprios estudantes, o “Campanha dos Pesquisadores” é voltado para conhecer professores do curso de Farmácia que desenvolvem projetos de pesquisa e/ou ensino ativos. A partir de entrevistas conduzidas pelos graduandos, o quadro traz informações como as linhas de pesquisa de cada pesquisador, a abordagem do projeto, quais estudantes já estão inseridos no grupo de pesquisa, qual o artigo mais relevante da



área já publicado, entre outras curiosidades.

Paralelamente, há a produção do “Fala Egresso”, no qual são trazidos farmacêuticos graduados pela UEL para contar suas vivências pessoais e profissionais, como compartilhar experiências da época de estudante e sobre a área em que estão trabalhando atualmente, além de deixar dicas e conselhos para os futuros profissionais. “A partir da produção do material dessas duas frentes de divulgação, nós fazemos publicações intercaladas desses pesquisadores e desses egressos”, relata Danielle.

O grupo também produz conteúdos voltados para o público externo da Universidade. Frequentemente, são realizadas lives para esclarecer dúvidas com profissionais sobre o uso de medicamentos, saúde e outros temas. Há, ainda, postagens que buscam explicar e a orientar as pessoas em relação às diversas campanhas da área da saúde que ocorrem no decorrer do ano, como Outubro Rosa e Novembro Azul. “Hoje, a gente enxerga o Instagram como uma ferramenta que alcança um número grande de pessoas. Nós trabalhamos com um público extremamente jovem e que adora esse tipo de mídia, então utilizar para divulgação fica até mais efetivo do que se fôssemos produzir folders e outros materiais físicos”, esclarece a professora.

Visando aumentar a interação com as pessoas que não pertencem à área farmacêutica, o projeto pretende iniciar, este ano, uma série de postagens sobre o uso racional de medicamentos e os riscos da automedicação. Segundo Danielle, hoje, há diversos pacientes que chegam ao hospital com complicações de saúde e/ou doenças sérias causadas pelo mau uso de antibióticos e antimicrobianos, por isso a proposta é levar mais informação ao público em geral, da comunidade interna

e externa, abordando de maneira correta e em uma linguagem acessível os riscos dessa prática.

RESULTADOS

Entrando em seu terceiro ano, o projeto já trouxe bons resultados, principalmente em relação aos estudantes de Farmácia. A partir da apresentação das pesquisas em andamento, por meio da “Campanha dos Pesquisadores”, houve um aumento na procura por Iniciações Científicas. Em muitos casos, o contato do aluno com as pesquisas da Universidade é muito tardio, ocorrendo nos anos finais da graduação, então, a apresentação delas por meio da rede social ajudou a despertar o interesse desses graduandos por Iniciações Científicas em áreas com as quais já tinham alguma afinidade.

De acordo com Danielle, outro resultado notado o aumento do conhecimento dos estudantes no que se refere ao campo de atuação dos profissionais de Farmácia. Por ser uma profissão muito ampla, com aproximadamente 120 áreas distintas de trabalho, o estudante pode não ter dimensão de todos os locais possíveis para trabalhar. Parte disso pode ser apresentado aos discentes por meio das conversas com os egressos do curso, já que estão inseridos em diferentes áreas do mercado e puderam trazer suas vivências e instigar o interesse dos futuros profissionais.

“Eu percebo que a maior contribuição do projeto foi mostrar o que nosso curso é capaz de proporcionar e oferecer para os estudantes. Agora, em um momento posterior, nós faremos com que eles utilizem esse conhecimento adquirido para orientar a comunidade em geral, que não faz parte desse mundo, mas que precisa da orientação de um farmacêutico”, finaliza Danielle.

*Estagiária de Jornalismo na COM

Via Rural

Todos os anos, a UEL participa da ExpoLondrina e aproxima a pesquisa de ponta e a extensão universitária dos produtores, a partir de ações de estudantes e professores dos cursos de Agronomia, Medicina Veterinária, Zootecnia, Ciências

Biológicas, Geografia, Jornalismo e Relações Públicas. A Via Rural apresenta novidades e inovações aos produtores rurais do Paraná. Este ano a ExpoLondrina será de 6 a 16 de abril, no Parque de Exposições Ney Braga.

Memória e Patrimônio

O Grupo de Pesquisa “Regional/Local e a Experiência Histórica e o Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL promovem o Ciclo Internacional de Palestras “Enezila de Lima” de 11 de março a 18 de novembro. O objetivo é homenagear a professora Enezila de Lima (História/UEL) e reunir pesquisadores nacionais e internacionais e estudantes que se ocupam dos fenômeno regional-local em seus diferentes aspectos e em diferentes temporalidades. As inscrições podem ser feitas até 10 de março. Mais informações podem ser obtidas no site do NDPH: sites.uel.br/ndph/.

Calendário de graduação

O calendário de atividades referentes ao ano letivo de 2023, dos 52 cursos de graduação da UEL, foi definido pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Conforme a Resolução CEPE nº105/2022, o primeiro período letivo terá início no dia 17 de julho e fim no dia 25 de novembro. Já as atividades do segundo período letivo deverão ser re-

alizadas entre os dias oito de janeiro e 11 de maio de 2024. A proposta apresentada pela Câmara de Graduação e aprovada pelo Conselho prevê 204 dias letivos, superando o mínimo estipulado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) para o Ensino Superior e respeitando os feriados nacionais e as semanas pedagógicas.

Artes Plásticas

A Divisão de Artes Plásticas (DAP) realiza a exposição “Erodições: toda ruína é uma promessa”, que busca problematizar a relação entre as pessoas e o espaço por meio de escritos, fotos e objetos. As artes ficam expostas no espaço até o dia 20 de abril. A exposição é aberta ao público mediante agendamento prévio pelo telefone (43) 3322-6844. O funcionamento da DAP é de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 12h e das 14h às 17h30. A Divisão fica na Rua Pernambuco, nº 540, no Centro de Londrina.

Ciências Biomédicas

A 11ª edição do Congresso Paranaense de Ciências Biomédicas (CPCB), que será realizada na UEL nos dias 3, 4 e 5 de maio, já está com inscrições abertas. Além da inscrição básica, a comissão organizadora ainda elaborou pacotes que dão direito à participação nos minicursos, o que visa atender a outros

públicos, como profissionais e a comunidade interessada, com temas que circulam as Ciências Biomédicas. A 11ª edição do CPCB é realizada pelos alunos do 4º ano do curso de graduação em Biomedicina da UEL. Mais informações neste link: www.facebook.com/cpcb.uel.



PRATELEIRA



Publicações da EDUEL

A Sonata de Deus e o *diabolus*: música, cinema e pensamento modernista

André Ricardo Siqueira



Sonata de Deus e o diabolus: música, cinema e pensamento modernista

Autor: André Ricardo Siqueira.
2022, 194 páginas,
R\$55,00

No livro, o autor analisa a trilha sonora de três filmes de Glauber Rocha – Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964), Terra em Transe (1967), O dragão da maldade contra o santo Guerreiro (1969). Lança um olhar diferenciado sob os filmes, abrindo uma nova e rica perspectiva de análise, em que as composições não são apenas adereços, elas surgem como a peça chave da produção dos filmes. A obra é indicada para leitores de diferentes áreas, pois é marcada pela transdisciplinaridade, imprimindo ao trabalho um enfoque pluralista.

Escolarização de Crianças com autismo e psicose

Organizadora:

Cleide Vitor Mussini Batista.

2022, 216 páginas.

R\$60,00

A obra registra o trabalho desenvolvido na Rede Municipal de Londrina junto a crianças diagnosticadas com autismo e psicose, dentro do Projeto de Extensão da UEL “Escolarização de Crianças Autistas e Psicóticas”. Os artigos reunidos no livro detalham as atividades e intervenções com as crianças e adolescentes – 5 a 15 anos – durante o processo de escolarização, como jogos, brincadeiras, atividades de pintura, vivências e experiências dentro e fora da sala de aula e da escola. Tem como objetivo mostrar que é possível investir na inclusão de maneira interdisciplinar.

SERVIÇO

Fique atento para mais lançamentos no site da EdueL – www.eduel.com.br.

Confira as novidades também na rede social - [@editoraeduel](https://www.instagram.com/editoraeduel).

Visite a Livraria da EdueL, que fica ao lado da Biblioteca Central (BC), no Campus Universitário.

Horário de funcionamento:
segunda-feira a sexta-feira, das 8h às 18h.

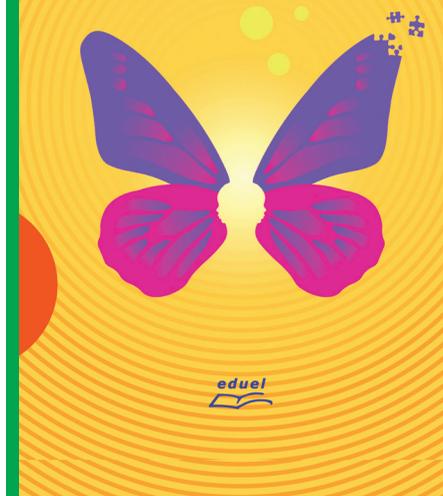
SOBRE A EDUEL

A Editora da Universidade Estadual de Londrina (EDUEL) é filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU).



Escolarização de Crianças com Autismo e Psicose

Cleide Vitor Mussini Batista
Organizadora



Livraria EdueL

Entre em contato - (43) 3371-4673 - edual@uel.br
(43) 3371-4691 - e-mail: livrariaeduel@uel.br

Paca, tatu, cotia sim

Pesquisadores estudam mamíferos de médio e grande porte encontrados na zona urbana de Londrina

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Todo mundo conhece uma história de uma onça que apareceu num quintal em algum bairro. A redução drástica das matas, principalmente da Mata Atlântica, e o avanço da urbanização e da exploração econômica do território acabam levando os animais para a cidade, em busca de alimento ou abrigo. Este é o foco do projeto “Que bicho mora aqui? Os mamíferos de médio e grande porte dos fragmentos urbanos de Londrina”, coordenado pela professora Ana Paula Vidotto Magnoni, do Departamento de Biologia Animal e Vegetal.

O projeto iniciou como pesquisa e extensão ao mesmo tempo, e mais tarde foram separados, por questões ligadas à concessão de bolsas. Conta com a participação de alunos de graduação e pós-graduação, que não apenas estudam os mamíferos urbanos, como vão levar este conhecimento a escolas e parques da cidade.

Sabe-se que existem cerca de 200 espécies de mamíferos no estado do Paraná. Elas precisam sobreviver em pequenos fragmentos de verde entre plantações e cidades.

Tais fragmentos sequer são ligados uns aos outros, observa Ana Paula, e às vezes nem é a melhor opção que sejam. A falta de corredores ecológicos e passagens seguras para os animais, porém, resulta em grande número de mortes, notadamente por atropelamento. Ainda assim, explica a professora, Londrina tem a maior área verde de todo o norte e noroeste do Paraná.

A coordenadora do projeto lembra do caso de uma onça que apareceu no Campus da UEL, que possui uma das poucas áreas verdes do norte do estado: um Horto (20 hectares). Nada comparado, por exemplo, com a Mata dos Godoy (pequena, para a professora: 690 ha) ou o Parque Nacional de Foz do Iguaçu (185 mil ha), este sim com as condições necessárias aos grandes mamíferos, um tanto exigentes para que possam estar num local. A maior área na região é, segundo

Ana Paula, a reserva do Apucarani-nha (5500 ha). Existe ainda a Reserva Particular do Patrimônio Natural Mata do Barão (1100 ha). No caso da UEL, a professora comemora a obtenção de pelo do felino, para análises.

Ela conta que um gato maracajá (espécie selvagem parecida com uma jaguatirica) já foi visto em Londrina, em área nobre: na avenida Ayrton Senna. No Parque Arthur Thomas, os quatis chamam a atenção. No Jardim Botânico de Londrina, residem pelo menos um gato do mato e um tamanduá mirim. No Ribeirão Esperança, próximo à Fazenda Escola da UEL, tem capivara. Cotias e tatus também estão por aí. Mas o destaque, segundo

a professora, é a anta. Ana Paula explica que a anta é uma espécie “guarda-chuva”, ou seja, sua presença indica a de outros tantos animais, dados os requisitos para que ela exista em uma área.

Nem toda espécie, contudo, é bem vinda. O projeto já registrou a presença do rato do banhado, uma espécie natural do Rio Grande do Sul e da Argentina.

É um animal que pode chegar a mais de 10kg e representa uma espécie invasora, pois compete com as locais.

Na Central de Salas da UEL, um cachorro do mato já foi encontrado “passeando”. Ele foi uma das 15 espécies de mamíferos de médio e grande porte (ou seja, mais de 10kg) avistados no Campus. O mais conhecido é o macaco prego: existem mais de 40 indivíduos, e eles adoram ir até o Restaurante Universitário para ver se conseguem comida. Ana Paula relata que, durante a pandemia, o projeto não parou, com reuniões on line e postagens nas redes sociais. No retorno ao trabalho presencial, gradual, a Universidade optou pelo fornecimento de marmitas aos servidores. Os restos iam para o lixo, e os macacos não deixaram passar a oportunidade.

CONHECER PARA RESPEITAR

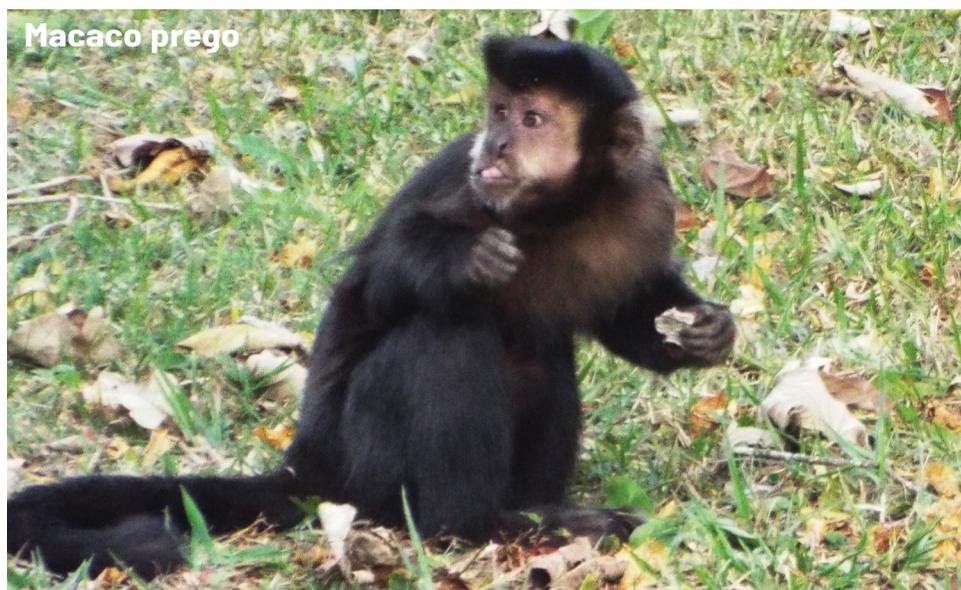
“Conhecer para respeitar” é um dos princípios que norteiam o projeto, daí sua dimensão extensionista



Cotia



Paca



Macaco prego

que quer chegar a toda a população, especialmente crianças. Conhecer é importante também para não confundir baleias encalhadas com ataque de tubarões (como aconteceu em janeiro passado no litoral fluminense) ou um gato bengal com uma onça (essa foi em Belo Horizonte, no mesmo mês). A sensibilização é um dos principais objetivos do projeto, destaca a coordenadora.

O curso de Veterinária da UEL colabora, com um levantamento dos atropelamentos de animais, infelizmente diários. Para a professora, é mais um indício da necessidade de corredores e passagens seguras para que os animais transitem livremente.

O projeto já começou a disseminar conhecimento pelas redes sociais (como o @leca_uel) e em publicações e eventos científicos. Além disso, ex-participantes do projeto foram aprofundar seus estudos em Programas de Pós-Graduação em outros estados, como Rio de Janeiro e Bahia.

Outra ideia da coordenadora é criar a “Calçada da Fauna”, que pode integrar as atrações dos parques, por exemplo. Lá, os visitantes poderão ver como é a pegada dos animais, além de imagens e outras informações. Locais de trilhas também são alvo do projeto, pois muitos animais podem ser avistados durante uma caminhada pelas matas.